

E. L. DOCTOROW

# HOMER & LANGLEY

Tradução de Tânia Ganho

Eu sou o Homer, o irmão cego. Não perdi a vista de repente, foi como nos filmes, um lento *fade-out*. Quando me contaram o que estava a acontecer, tive curiosidade em avaliar o fenómeno; estava no final da adolescência, tudo me interessava. O que fiz, nesse inverno em particular, foi postar-me a uma certa distância do lago de Central Park, onde as pessoas costumam patinar no gelo, e descobrir o que deixava de ver de dia para dia. As casas do lado de Central Park West foram as primeiras a desaparecer, tornaram-se mais escuras como se estivessem a dissolver-se no céu escuro até eu não conseguir distingui-las e, depois, as árvores começaram a perder as formas e, por último, já mais para o fim da estação, devia ser final de fevereiro desse inverno gelado, a única coisa que eu vislumbrava eram os vultos fantasmagóricos dos patinadores passando por mim a flutuar num campo de gelo e, em seguida, o gelo branco, essa derreadeira luz, tornou-se cinzento, depois completamente negro e foi então que perdi a vista, embora conseguisse ouvir perfeitamente o arranhar das lâminas no gelo, um som gratificante, um som suave mas cheio de determinação, um tom mais grave do que seria de esperar das lâminas dos patins, talvez por tanger o baixo ressonante da água sob o gelo, arranha, range, arranha, range. Eu ouvia alguém a deslizar muito depressa e, depois, o rodopio que terminava com

um longo riiisco, quando o patinador parava de repente, e então eu ria, aquela capacidade de o patinador se imobilizar de imediato, passando do arranha ao range e ao riiisco, dava-me uma enorme satisfação.

Claro está que isto também me entristeceu, mas foi uma sorte ter-me acontecido quando era tão novo, sem consciência de ser deficiente, já que, na minha mente, me agarrei simplesmente às minhas outras faculdades, como o meu ouvido extraordinário, que treinei até atingir um grau de acuidade quase visual. O Langley dizia que eu tinha ouvidos de morcego e testou essa teoria, já que gostava de submeter tudo a exame. Eu conhecia, obviamente, a casa de uma ponta à outra dos seus quatro andares, e era capaz de me orientar em todas as assoalhadas, e escada acima, escada abaixo, sem hesitações, sabendo de cor o lugar de cada coisa. Conhecia a sala de estar, o escritório do nosso pai, a salinha da nossa mãe, a sala de jantar com as suas dezoito cadeiras e a comprida mesa de noqueira, a despensa e a cozinha, a sala de visitas, os quartos, lembrava-me de quantos degraus alcatifados havia entre os andares, nem sequer precisava de me segurar ao corrimão, quem não me conhecesse e me observasse, não adivinharia que os meus olhos não serviam para nada. Mas o Langley disse que só era possível testar verdadeiramente a minha capacidade auditiva se não houvesse recurso à memória, por isso mudou algumas coisas de lugar e levou-me para a sala da música, onde tinha previamente colocado o piano de cauda num canto diferente e posto o biombo japonês com as garças-reais na água a meio do quarto, e, para ter a certeza, fez-me rodopiar na entrada até eu perder por completo o sentido de orientação, e não pude deixar de me rir, porque, imagine-se, contornei automaticamente o biombo e sentei-me ao piano como se soubesse onde ele o havia colocado, e a verdade é que sabia: eu conseguia ouvir as superfícies. Disse ao Langley: Os morcegos cegos assobiam, é assim que se deslocam, mas eu não precisei de assobiar, pois não? Ele ficou genuinamente espantado; o Langley é dois anos mais velho do que eu, e sempre gostei de o impressionar de uma maneira ou de outra. Nessa época, já ele andava no primeiro ano do curso, na Universidade de Columbia. Como é que consegues?, perguntou. Isto tem interesse para a

ciência. Respondi: Sinto a maneira como as formas afastam o ar, ou então sinto o calor que emana das coisas, podes dar-me voltas e voltas até ficar tonto, mas ainda assim consigo indicar-te os sítios onde o ar foi preenchido por uma coisa sólida.

E houve outras compensações. Fui educado por professores particulares e depois, claro está, continuei a frequentar sem problemas o Conservatório de Música do West End, onde era aluno já antes de ter perdido a visão. Os meus dotes de pianista tornaram a minha cegueira aceitável na esfera social. Com os anos, as pessoas começaram a dizer que eu era um cavalheiro e não havia dúvida de que as raparigas gostavam de mim. Na sociedade nova-iorquina daquela época, uma das maneiras de os pais garantirem que as filhas fariam um bom casamento era avisando-as, aparentemente desde a nascença, para terem cuidado com os homens e não confiarem neles por aí além. Isto foi muito antes da Grande Guerra, quando o tempo das *flappers* e mulheres que fumam e bebem *Martini* ainda pertencia a um futuro impensável. Posto isto, um atraente rapaz cego, de boas famílias, era particularmente desejável, na medida em que não podia, nem sequer às escondidas, fazer fosse o que fosse de inconveniente. O seu desamparo era muito atrativo para as mulheres, educadas, elas próprias, desde a nascença, para serem desamparadas. Fazia-as sentir-se fortes, com as rédeas nas mãos; a minha cegueira suscitava-lhes piedade e muitas outras coisas. Elas podiam exprimir-se, exteriorizar os seus sentimentos reprimidos, algo que não podiam fazer impunemente com um tipo normal. Eu vestia-me muito bem, conseguia barbear-me com a minha navalha sem nunca me cortar e, por ordem minha, o barbeiro deixava-me o cabelo um nadinha mais comprido do que se usava naquela época, para que, sempre que me sentasse ao piano e tocasse a *Appassionata*, por exemplo, ou o *Estudo Revolucionário*, os meus cabelos voassem – na altura, eu tinha uma farta cabeleira castanha de risca ao meio, que me caía de cada lado do rosto. Era uma cabeleira à Franz Liszt. E quando nos sentávamos num sofá sem ninguém por perto, uma jovem amiga podia beijar-me, tocar-me no rosto e beijar-me, e eu, sendo cego, podia pousar a mão na coxa dela fingindo que era sem querer, e ela talvez soltasse uma exclamação, mas não diria nada, com medo de me embaraçar.

Devo dizer que, apesar de nunca me ter casado, sempre fui particularmente sensível às mulheres – um grande apreciador delas, aliás – e deixem-me confessar, desde já, que tive uma ou duas experiências sexuais nessa época de que estou a falar, essa época da minha cega vida urbana de jovem de menos de vinte anos, quando os nossos pais ainda eram vivos e organizavam muitas *soirées*, e recebiam as pessoas mais cotadas da cidade em nossa casa, uma casa que era uma monumental homenagem ao estilo vitoriano tardio, que não seria afetada pela modernidade – como, por exemplo, pelas modas de decoração de interiores da Elsie de Wolfe<sup>1</sup>, uma amiga da família, que, em virtude de o meu pai não a ter deixado remodelar a casa de uma ponta à outra, nunca mais pôs os pés na nossa imponente residência – e que eu sempre achei confortável, sólida, fiável, com os seus grandes móveis estofados, cadeiras de estilo Império com botões, pesadas colgaduras sobre os cortinados a tapar os janelões rasgados de alto a baixo, tapeçarias medievais penduradas de varões dourados e estantes encastradas nas janelas curvas de sacada, espessos tapetes persas e candeeiros de pé com *abat-jours* com borlas e pares de ânforas de inspiração chinesa, dentro das quais quase cabia uma pessoa... era tudo muito eclético, uma vez que se tratava de uma espécie de arquivo das viagens dos nossos pais, e a casa podia parecer atravancada aos olhos de terceiros, mas afigurava-se-nos normal e adequada, e era legado nosso, meu e do Langley, esta sensação de vivermos com coisas perentoriamente inanimadas e de termos de as contornar.

Os nossos pais viajavam durante um mês, todos os anos, a bordo de um transatlântico qualquer; acenavam-nos do convés de um navio de três ou quatro andares – o *Carmania*?, o *Mauretania*?, o *Neuresthanian*? – enquanto ele se afastava do cais. Pareciam tão pequenos lá no alto, tão pequenos como eu, com a minha mão na mão firme da minha ama, e a sirene do barco a ressoar-me nos pés e as gaivotas a voarem em redor como que de júbilo, como se estivesse a acontecer uma coisa muito boa. Eu costumava interrogar-me sobre

---

<sup>1</sup> Também conhecida como Lady Mendl (1865-1950), a primeira mulher a fazer da decoração de interiores uma carreira. Casada com um diplomata, destacou-se na alta sociedade nova-iorquina pela sua irreverência. (*N. da T.*)

o que aconteceria às pacientes do meu pai enquanto ele estava fora, porque era um conceituado médico de senhoras e eu tinha medo de que elas ficassem doentes e inclusive que morressem, à espera que ele voltasse.

Enquanto os meus pais andavam a percorrer a Inglaterra, ou a Itália, ou a Grécia, ou o Egito, ou onde quer que estivessem, o seu regresso era pressagiado por coisas que a Railway Express Company nos vinha entregar em caixotes à porta das traseiras: azulejos islâmicos antigos, ou livros raros, ou uma fonte de mármore, ou bustos de romanos sem nariz ou com uma orelha a menos, ou roupeiros vetustos com o seu cheiro fecal.

E depois, finalmente, com grandes urras, quando eu já quase me tinha esquecido deles, ali estavam a mãe e o pai em pessoa, a saírem do táxi diante de nossa casa, carregando nos braços tesouros ainda mais impressionantes do que aqueles que os haviam precedido. Não eram pais inteiramente descuidados, porque traziam sempre prendas para mim e para o Langley, coisas que deixavam qualquer rapaz empolgado, como um antigo comboio que era demasiado frágil para brincarmos com ele, ou uma escova do cabelo chapada a ouro.

O meu irmão e eu também fizemos algumas viagens, costumávamos acampar no verão, quando éramos jovens. O acampamento ficava no Maine, num planalto costeiro coberto de floresta e campos, um bom lugar para se apreciar a Natureza. Quanto mais o nosso país se cobria de mantas de fumo fabril, quanto mais carvão saía estrepitosamente das minas, quanto mais as nossas enormes locomotivas atravessavam ruidosamente a noite e grandes máquinas agrícolas abriam caminho, a talho de foice, por entre as colheitas e automóveis pretos enchiam as ruas, tocando as suas buzinas e estampando-se uns contra os outros, mais os Americanos veneravam a Natureza. A maior parte das vezes, esta devoção era relegada para as crianças. Portanto, lá íamos nós viver para cabanas primitivas no Maine, rapazes e raparigas em acampamentos contíguos.

Nessa época, os meus sentidos estavam no auge. As minhas pernas eram mais ágeis e os meus braços fortes e vigorosos, e eu

conseguia ver o mundo com toda a felicidade inconsciente de um adolescente de catorze anos. Perto do acampamento, numa falésia sobre o mar, ficava um prado repleto de amoras silvestres, e, uma tarde, alguns de nós fomos apanhar amoras maduras, mordendo a sua polpa pericárpica, húmida e quente, rivalizando com enxames de abelhões, de cada vez que corríamos de um arbusto para outro e enfiávamos as amoras na boca até o sumo escorrer pelo queixo abaixo. O ar estava repleto de comunidades flutuantes de mosquitos que se elevavam e desciam, expandindo-se e contraindo-se como fenómenos astronómicos. E o sol incidia nas nossas cabeças e, atrás de nós, na base do penhasco, ficavam as rochas negras e prateadas, que acolhiam e despedaçavam pacientemente as ondas e, mais além, estendia-se o mar cintilante com estilhaços de sol, e tudo isto se refletia nos meus olhos límpidos, quando me virei triunfal para a rapariga com quem tinha criado laços afetivos – Eleanor, era assim que ela se chamava – e abri muito os braços e fiz uma vénia como se fosse o mágico que criara tudo aquilo para ela. E, não sei como, quando os outros seguiram caminho, nós deixámo-nos ficar conspiradoramente atrás de umas amoreiras até o barulho dos outros desaparecer e nos encontrarmos sozinhos, violando as regras do acampamento e, por conseguinte, autodefinindo-nos como duas pessoas mais adultas do que toda a gente pensava, embora tenhamos ficado introspetivos no caminho de regresso e dado as mãos sem sequer nos apercebermos.

Haverá amor mais puro do que este, quando ainda nem sequer sabemos o que é? Ela tinha a mão húmida e quente, a Eleanor, e olhos e cabelos escuros. Nenhum dos dois se sentiu embaraçado por ela ser uns bons palmos mais alta do que eu. Lembro-me de que ceceava, a ponta da língua a meter-se entre os dentes quando dizia o S. Não era uma das raparigas socialmente autoconfiantes que abundavam no setor feminino do acampamento. Envergava a camisa verde e os calções cinzentos com elástico abaixo do joelho que elas todas usavam como uniforme, mas era um pouco bicho do mato e, aos meus olhos, parecia distinta, muito atraente, atenciosa, e a viver numa espécie de estado de nostalgia análogo ao meu – nostalgia de quê, é que nenhum de nós sabia. Esta foi a minha primeira paixão declarada e tão séria que nem o Langley, que vivia noutra cabana

com os rapazes da idade dele, fez troça de mim. Teci um cabo de marinheiro para a Eleanor e talhei e montei a maquete de uma canoa de vidoeiro para ela.

Oh, mas que história triste, esta a que vim parar. O acampamento dos rapazes e o das raparigas eram separados por um arvoredo, atravessado, em todo o comprimento, por uma vedação alta de arame, como as que se usam para impedir os animais de passarem e, portanto, era uma enorme façanha para os rapazes mais velhos treparem a vedação à noite, ou escavarem por baixo dela, e desafiarem a autoridade, desatando a correr pelo acampamento das raparigas, fugindo dos monitores aos berros e a bater nas portas das cabanas para suscitar gritinhos de deleite. Mas a Eleanor e eu transpúnhamos a vedação para nos encontrarmos quando já todos estavam a dormir e vaguearmos sob as estrelas, falando filosoficamente sobre a vida. E foi assim que, numa quente noite de agosto, demos por nós ao fundo da rua, a cerca de quilómetro e meio de distância, numa estalagem dedicada, como o nosso acampamento, ao contacto com a Natureza. Mas era para adultos, para os pais. Atraídos por uma luz trémula no casarão que, de resto, estava às escuras, subimos em bicos dos pés para o alpendre e, pela janela, vimos uma coisa chocante, aquilo que, mais tarde, seria chamado de filme porno. A sua apresentação licenciosa estava a decorrer num ecrã portátil, uma espécie de estore grande. À luz refletida, vimos a silhueta de uma série de adultos atentos, inclinados para a frente nas suas cadeiras e sofás. Lembro-me do som do projetor relativamente perto da janela aberta, o zumbido que emitia, como um campo de cigarras. A mulher que aparecia no ecrã, completamente nua, excetuando uns sapatos de salto alto, estava deitada de barriga para cima numa mesa e o homem, também ele nu, encontrava-se de pé, a segurar-lhe nas pernas por baixo dos joelhos de maneira a que ela recebesse o seu membro, cuja enormidade ele fez questão de exhibir, antes de mais, para o público. Era um indivíduo feio, careca e magricela, que se destacava unicamente por essa sua característica desproporcionada. Enquanto ele se enterrava nela repetidamente, a mulher pôs-se a arrepear os cabelos e a escoicear convulsivamente, dando rápidas e sucessivas estocadas no ar com as pontas dos sapatos, como se estivesse a ser perpassada por



uma descarga elétrica. Fiquei fascinado – horrorizado, mas ao mesmo tempo imbuído por uma sensação pouco natural de excitação próxima da náusea. Não me admira, hoje, que, com a invenção do cinema, se tenha compreendido de imediato o seu potencial pornográfico.

Terá a minha amiga soltado uma exclamação, ter-me-á puxado pela mão para eu seguir caminho? Se o fez, não dei por nada. Mas quando recuperei suficientemente a compostura e me virei, ela tinha desaparecido. Voltei a correr pelo mesmo caminho por onde tínhamos ido e, naquela noite de luar, uma noite tão a preto e branco quanto o filme, não consegui ver ninguém na rua à minha frente. Ainda faltavam umas semanas para acabar o verão, mas a minha amiga Eleanor nunca mais me falou, nem sequer olhou para mim, uma decisão que aceitei como se fosse cúmplice, por uma questão de género sexual, do ator masculino. Ela teve toda a razão em fugir de mim, pois, nessa noite, o romantismo foi destronado na minha mente e substituído pela ideia de que o sexo era uma coisa que nós lhes fazíamos a elas, a todas elas, incluindo a coitada da Eleanor, alta e tímida. É uma ilusão pueril, inclusive numa mente de catorze anos, e que, no entanto, persiste nos homens adultos, mesmo quando conhecem mulheres mais avidamente copulativas do que eles.

Claro está que, ao ver aquele filmezinho de mau gosto, uma parte de mim se sentiu tão traída pelo mundo dos adultos como a minha Eleanor. Não estou a insinuar que a minha mãe e o meu pai estivessem entre o público, porque não estavam. Aliás, quando contei a história ao Langley, concordámos que o nosso pai e a nossa mãe não pertenciam à raça das pessoas afetadas pela carnalidade. Não éramos infantis ao ponto de achar que os nossos pais tinham tido relações sexuais apenas das duas vezes que haviam sido necessárias para nos conceber, mas mandava o decoro da geração deles que o amor fosse praticado no escuro e nunca mencionado ou admitido em qualquer outro contexto. Tais formalidades tornavam a vida tolerável. Até as relações mais íntimas eram abordadas em termos formais. O nosso pai nunca andava sem o seu colarinho lavado, gravata e fato de três peças, pura e simplesmente não me lembro de o ver trajado de outra maneira. Usava o cabelo cinza-azul curto, um

bigode à escovinha e um *pince-nez*, sem noção de que estava a copiar o visual do então Presidente<sup>2</sup>. E a nossa mãe, com o corpo rotundo espartilhado ao estilo da época e a abundante cabeleira puxada para cima e presa em forma de cornucópia, era a imagem encarnada da opulenta matrona. As mulheres da sua geração usavam as saias até aos tornozelos. Não tinham direito ao voto, um facto que a minha mãe não considerava minimamente inquietante, embora algumas das suas amigas fossem sufragistas. O Langley costumava afirmar, a propósito dos nossos pais, que o casamento deles tinha sido feito no Céu. Queria com isto dizer que não que se tratava de uma grande história de amor, mas que, na sua juventude, a nossa mãe e o nosso pai tinham regido as suas vidas obedientemente, de acordo com as especificações bíblicas.

Consta que as pessoas da minha idade se lembram de coisas que aconteceram há muito tempo, mas não do que se passou ontem. As minhas recordações dos nossos pais falecidos há tantos anos são bastante ténues, como se, tendo ficado cada vez mais para trás, se tivessem tornado mais pequenas, com menos pormenores visíveis, como se o tempo se houvesse tornado espaço, tornado distância, e as figuras do passado, inclusive o nosso pai e a nossa mãe, estivessem demasiado longe para que eu as reconhecesse. Estão fixas no seu próprio tempo, que desapareceu por detrás do horizonte planetário. Elas e a sua época, e todas as suas preocupações, desapareceram juntas. Consigo lembrar-me de uma rapariga que conheci vagamente, como a Eleanor, mas dos meus pais, por exemplo, não me lembro de uma única palavra que qualquer um dos dois tenha dito.

---

<sup>2</sup> Theodore Roosevelt, Presidente dos EUA de 1901 a 1909. (*N. da T.*)